

Quarto de despejo: diário de uma favelada*

de Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus: fome, pobreza e literatura

Carolina Maria de Jesus: hunger, poverty and literature

por Cristina Gomes Baltazar**

Em 2020 o livro pioneiro, que já nasceu clássico, de Carolina Maria de Jesus ganhou nova e especial edição. *Quarto de despejo: diário de uma favelada* nunca deixou de ser atual. O país tropical repleto de belezas exuberantes é também cenário da pobreza extrema. A fome, que assombrava o cotidiano dos anos de 1950 de Carolina Maria de Jesus, continua fazendo parte da vida de milhões de trabalhadoras/es nos inúmeros quartos de despejo desse Brasil dito varonil. As flores, como sentiu Carolina, insistem em ser roxas: a “cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos” (Jesus, 2020, p. 131).

O último país do ocidente a abolir a escravidão se apoia nos alicerces do racismo estrutural para cultivar os mecanismos da exploração capitalista de classe que mantêm intacta a desigualdade social. O genocídio da população negra, o racismo, a violência, a pobreza, a fome estalam diariamente no lombo dos mais pobres hoje assombrando dolorosamente como o chicote de outrora.

Quarto de despejo é o retrato cru das consequências históricas de uma falsa abolição ou, pior, de um projeto abolicionista que priorizou as grandes famílias proprietárias e escravistas do país. A Lei nº 3.353, de 1888, que em seu curto e único artigo, declarou “extincta desde a data desta lei a escravidão no Brazil”, jogou à condição de miserabilidade trabalhadores/as negros/as ex-cativos/as e agora livres para viverem à deriva do Estado, sem nenhuma política pública e, logo, largados/as à própria sorte.

* São Paulo: Ática, 2020.

** Doutora em Serviço Social pela PUC-SP. Assistente Social no Departamento de Planejamento Habitacional da Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo (SEHAB/PMSP). Pesquisadora do Projeto Intelectuais Negras Brasileiras da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: cris_gbaltazar@yahoo.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4835-2633>

Carolina Maria de Jesus é representante direta deste processo. Neta de avô e avó¹ que foram escravizados/as, nasceu em uma família negra na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, em 14 de março de 1914, apenas 26 anos após a implementação da Lei Aurea. Em seus escritos encontramos o testemunho de uma vida atravessada pela pobreza, pelo racismo, pela injustiça. Nas primeiras páginas de seu outro famoso livro, *Diário de Bitita*, Carolina descreve sua infância:

Os pobres moravam num terreno da Câmara: “O Patrimônio”. Não tinha água. Mesmo furando um poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço foi cinquenta mil réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar filhos ao relento.

Nossa casinha era coberta de sapé, as paredes eram de adobe. Todos os anos tínhamos que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil réis por uma carroça de capim. O chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar (Jesus, 2007, p. 7).

Toda vez que era espancada pela mãe, a autora corria para se proteger na casa de seu avô, descrita por Carolina como “uma choça quatro águas, coberta com capim, semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre!” (Jesus, 2007, p. 28).

Arguta, percebeu desde cedo as dores do racismo. Observou que quando “o negro envelhecia, ia pedir esmola” (2007, p. 30). Também aprendeu muito cedo sobre a violência policial, quando um dia sua mãe, depois de lavar roupas para uma família branca abastada, estava apressada para poder arranjar dinheiro e comprar comida para os/as filhos/as e sem qualquer justificativa, os “policiais prenderam-na” (2007, p. 31).

Ainda menina, Carolina começou a trabalhar como empregada doméstica. Andarilha, como ela se autorreferia, migrou de cidade em cidade e trabalhou em várias casas, praticamente em troca de comida. Era submetida às piores humilhações, desde ser acusada de roubo às ameaças de ser expulsa da casa dos patrões e não ter onde se abrigar, que a impedia de exigir uma remuneração. Antes de chegar à capital paulista, onde ela acreditava que viveria com tranquilidade, teve uma das piores relações de trabalho como empregada doméstica. Deveria receber quarenta mil réis por mês, mas durante noventa dias nada recebeu. Quando conseguiu coragem para cobrar a patroa, recebeu apenas dez mil réis e o lembrete de que se não estivesse contente, poderia deixar a casa.

Chorei pensando na quantidade de roupas que eu lavava e passava. Cuidar do quintal, olhar a casa quando ela estava

¹ A autora não conheceu o pai. Como milhões de mulheres negras (Carolina inclusa), sua mãe criou sozinha os/as filhos/as.

ausente. Não roubava. Cuidava de tudo como se fosse meu. Decidi procurar outro emprego. Ou deixar o interior. Pretendia encontrar um trabalho com melhor remuneração. Eu tinha que aprender a reagir, a exigir respeito nos contratos de trabalho. Mas não tinha casa e já estava cansando de minha vida de andarilha. [...] A patroa era rica e eu pobre. Ela podia mandar prender-me. Continuei trabalhando. A patroa sorria dizendo que havia encontrado uma idiota que trabalhava quase de graça (Jesus, 2007, p. 249).

Procurando um emprego melhor, Carolina chega à cidade de São Paulo em 1947 e, diferentemente das oportunidades que imaginara que a metrópole lhe daria, foi morar na favela do Canindé, o *quarto de despejo*, como ela definiu o lugar onde são jogados os pobres. Ali teve seus três filhos e, como catadora de material reciclável, passou a retirar do lixo o sustento para a sobrevivência de sua família. Do lixo também vieram as folhas de papel, os cadernos, os lápis e canetas que se transformaram na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada pela primeira vez em 1960.

Oriundo de 35 cadernos manuscritos por Carolina Maria de Jesus, o livro contou com o auxílio do jornalista Audálio Dantas que, em 1955, estava no Canindé para fazer uma matéria sobre os problemas da favela para o jornal *Folha da Noite* e não pôde deixar de notar aquela mulher negra altiva que mais de uma vez “ameaçou” um e outro de denunciá-los no livro que estava escrevendo. Quem poderia ser aquela mulher? A que livro se referia? Estas indagações levaram o jornalista até a *Cinderela Negra* como passaria a ser conhecida² no Brasil e no mundo.

Na apresentação da primeira edição de 1960, o jornalista apresenta Carolina Maria de Jesus, como “irmã nossa, vizinha nossa, ali da favela do Canindé, Rua A, barraco número 9” (Dantas, 1960, p. 5). E a descrição de seu barraco nos coloca diante da absoluta pobreza:

O barraco é assim: feito de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, não muito cômodos. Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito for; e um quarto quartinho, bem menor, com lugar para a cama justinha lá dentro. A humanidade dele é esta: Carolina, Vera Eunice, José Carlos, João José e 35 cadernos. Tem mais coisas dentro dele, que a luz da janelinha deixa a gente ver: um barbante esticado, quase arrebitando de trapos pendurados, mesinha quadrada, tábua de pinho; e fogareiro de lata e lata-de-botar-água e lata-de-fazer-café e lata-de-cozinhar; tem também guarda-comida escuro de fumaça e cheio de livros velhos; e

² A este respeito, consultar a reedição do livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, de José Carlos Sebe Bom Meihy (2015).

mais: duas camas, uma na sala-quarto-cozinha e outra no quarto assim chamado. [...]

Isto é o barraco dentro. O barraco fora é como todos os barracos de todas as favelas. Feio como dentro. As tábuas estão escuras, de velhas. A gente passa na Rua A, pode até ver Carolina na janela, que não presta atenção nele. Desvia da poça d'água, olha para o bolo de meninos nus, ouve um palavrão lá no escuro de dentro de um barraco qualquer, depois passa um, dois, três, dez barracos. No fim da rua, a gente já viu algumas dezenas de infelicidades e tem vontade de fechar os olhos e tampar os ouvidos. [...] Dá para ver assim a miséria mais miserável do mundo nosso (Dantas, 1960, p. 5-6).

E frente à miséria que ninguém quer ver e diante de quem vive a miserabilidade sem ter coragem de dizer algo sobre ela, “Carolina Maria de Jesus. A da rua A, barraco número 9, é quem diz e escreve, tinta forte, letra torta, direitinho, tudo da favela. No exato compreendido da miséria vista e sentida” (Dantas, 1960, p.6). Com efeito, “Carolina Maria de Jesus entende muito de miséria. Há muito tempo. Como ninguém dizia nada, ela resolveu dizer” (Dantas, 1960, p. 6).

Disse tudo e mais um pouco em *Quarto de despejo*. O livro logo virou um *best-seller* em âmbito nacional e ganhou visibilidade internacional. Em 1961, ganhou edição na Argentina; em 1962 foi publicado nos Estados Unidos e na Itália; em 1965 saiu a edição cubana e não parou mais. A autora chegou a fazer uma importante viagem pela América Latina para divulgar *Quarto de despejo*. Esteve na Argentina, Uruguai e Chile e não se restringiu às capitais nem aos pontos turísticos. Quis conhecer as favelas de cada país e ver as semelhanças com o seu cotidiano de fome (Leal, 2022).

A obra atingiu recordes de venda, um verdadeiro estouro. Em todas as traduções, as tiragens foram espetaculares (Lajolo, 2020). No Brasil, em sua primeira edição, alavancou a venda de 2000 livros por dia e logo começaram as traduções, chegando a ser publicado em aproximadamente 15 idiomas. Carolina foi a primeira autora negra brasileira a ter sua obra traduzida e, hoje, continua a ser acessada em mais de 40 países³.

Quarto de despejo foi e continua sendo um soco no estômago no país bonito por natureza ao retratar de forma explícita o cenário cotidiano da pobreza e da fome. O primeiro registro que encontramos no livro data de julho de 1955, quando o país vivia a euforia da modernização pensada para e pelos de cima.

³ O livro teve uma edição portuguesa preparada apenas em 2020 e, por causa da pandemia do novo coronavírus, foi publicada em 2021. Estas décadas de defasagem é consequência da proibição imposta pela ditadura salazarista, que via no livro de Carolina Maria de Jesus elementos que poderiam inspirar um levante popular. Por esta razão, *Quarto de despejo* também não foi publicado nos países africanos de língua portuguesa.

15 de julho de 1955. Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (Jesus, 2020, p. 19).

A autora, que só foi alfabetizada até o segundo ano do ensino fundamental, impressiona ao relatar com vividez seu cotidiano miserável. Apresenta uma narrativa densa embasada no seu dia-a-dia, marcado pelo preconceito, pelo racismo, pela violência, pela pobreza. Ela também não poupa críticas à conjuntura política, social, econômica, bem como às injustiças sociais, em especial o grande problema da fome que a persegue 24 horas por dia, relatando que a fome é amarela e dói muito! Amarela é a cor dos/as que morrem famintos/as nas ruas dinâmicas da capital mais desenvolvida da América Latina.

Seu relato do dia 21 de maio de 1958 demonstra que o projeto do nacional-desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek ampliou os bolsões de pobreza no Brasil apresentado como moderno.

Eu ontem [20 de maio de 1958] comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho, havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom Jardim. No lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços. [...] Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruídos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. Esquentou-a e comeu. [...]

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos de seu pé se abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome (Jesus, 2020, p. 43).

Escrever para Carolina era uma forma de sobrevivência. Quando sentia fome, escrevia ao invés de xingar. Nos momentos em que ficava nervosa, escrevia para não pensar na morte como solução para os problemas. Assim, sua escrita a acalantava em seu cotidiano de penúrias. Afinal “[...] a autora pertence ao mundo que narra e cujo conteúdo de fome e de privação compartilha com o meio social em

que vive” (Vogt, 2020, p. 197). E *Quarto de despejo* era tão forte e tão original que não passou despercebido. Ao contrário, foi marcado por inúmeras polêmicas.

Para começar, ele rompeu a rotina das magras edições de 2, 3 mil exemplares no Brasil. Em poucos meses [...] sucessivas edições atingiram, em conjunto, as alturas dos 100 mil exemplares [...] pairava a força do livro, sua importância como depoimento, sua autenticidade e sua paradoxal beleza. [...] Assim, *Quarto de despejo* não é um livro de ontem, é de hoje (Dantas, 2020, p. 202-203).

Nas últimas décadas, o livro de Carolina voltou a ganhar notoriedade. A obra em si jamais deixou de ser atual. Retrata as expressões da questão social vivida por uma mulher, negra, mãe solo de três filhos e catadora de material reciclável, com ensino fundamental incompleto. O livro continua a expor “as fraturas da cidade, as desigualdades e violências intrínsecas ao sistema capitalista, a luta incessante pela vida, pela voz, pelo futuro-cotidiana para todos aqueles que são vistos como margem, como despejo” (Miranda, 2020, p. 251). Permanece atualíssimo. Infelizmente, não apenas pela beleza literária expressa na escrita da autora, mas sobretudo porque a fome se mantém como uma dura realidade no país.

Em 2022, o Segundo Inquérito Nacional sobre Segurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil apontou que 33,1 milhões de pessoas não têm garantido o que comer – o que representa 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome. Conforme o estudo, mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau: leve, moderado ou grave (Guedes, 2022, s/p.).

Carolina Maria de Jesus sabia narrar como ninguém a dor da fome. Falava de dentro da favela, sentia a crueldade diária da fome em suas entranhas, especialmente quando o mal tempo a impedia de ir trabalhar para garantir a comida em algum momento do dia. Em 14 de junho de 1958, escreveu o seguinte:

Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. [...] agitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, testeí viver com ar. Comecei a desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida (Jesus, 2020, p. 61).

Dia 16 de outubro de 2022. Carolina Maria de Jesus não está mais aqui para escrever. Mas continuamos a nos deparar com terríveis manchetes em diversos jornais do país. Uma delas chama a atenção: “Ratos, ossos e lama: os ‘alimentos do

desespero’ a que famintos recorrem para sobreviver”. A fome é um drama mundial que se agrava cada vez mais com o aumento da desigualdade e da busca desenfreada do lucro. Diferentemente dos dias de fome de Carolina que recorria aos açougues para ganhar ossos, no Brasil de 2022 ossos e pele de frangos encontraram um lucrativo mercado:

Nos últimos dois anos, Lindinalva Maria da Silva Nascimento, uma avó aposentada de 63 anos de São Paulo, vem comendo ossos e pele descartados pelos açougueiros locais.

A aposentada tem um orçamento diário de apenas R\$ 21 para alimentar ela, o marido, um filho e dois netos. Ela não pode comprar carne, então vai a diferentes açougues e compra carcaças e peles de frango. Mesmo que custe R\$ 3,70 por quilo (Natarajan, 2022, s/p).

No atual mercado da miséria, os frigoríficos hierarquizam os ossos de primeira e de segunda para serem vendidos aos famintos. Em reportagem do *Diário do Nordeste*, lemos que “o osso de primeira custa R\$ 9 o quilo, enquanto o osso de segunda, R\$ 5. Em muitos casos, os frigoríficos registram aumento na demanda, o que acarretou alta no preço dos produtos” (Mesquita, 2021, s/p).

E se esses/as milhões de famintos/as lessem Carolina Maria de Jesus? Poucos anos depois do lançamento da primeira edição de *Quarto de despejo*, os militares deram um golpe de estado e impuseram ao país os anos mais sombrios. Imediatamente proibiram a circulação do livro de Carolina. Entenderam que a força de sua obra também trazia um apelo à consciência dos/as favelados/as, famintos/as desorganizados/as. E se decidissem organizadamente que deveriam ter acesso ao trabalho digno e à alimentação saudável?

Referências

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

_____. Nossa irmã Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Lino Gráfica editora Ltda, 1960.

FARIAS, Tom. *Carolina*: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

GUEDES, Aline. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. *Agência Senado*, Brasília, 14 out. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso em 14 out. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

_____. *Diário de Bitita*. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

LAJOLO, Marisa. A leitora no quarto dos fundos. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

LEAL, Marcelle Ferreira. Deslocamentos: Carolina Maria de Jesus em viagem pela América Latina. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Porto Alegre, v. 24, n. 45, p. 17-30, 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra*: a saga de Carolina Maria de Jesus. Sacramento: Editora Bertolucci, 2015.

MESQUITA, Carolina. Mercado da miséria: frigoríficos vendem ossos de primeira e de segunda na periferia de Fortaleza. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 25 out. 2022. Disponível em:
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mercado-da-miseria-frigorificos-vendem-ossos-de-primeira-e-de-segunda-na-periferia-de-fortaleza-1.3151320>. Acesso em 25 out. 2022.

MIRANDA, Fernando. Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

NATARAJAN, Swaminathan. Ratos, ossos e lama: os 'alimentos do desespero' a que famintos recorrem para sobreviver. *BBC News*, 16 out. 2022. Disponível em:
<https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2022/10/16/ratos-ossos-e-lama-os-alimentos-do-desespero-a-que-famintos-recorrem-para-sobreviver.htm>. Acesso em: 16 out. 2022.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.